



Variação e mudança linguística na designação dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa

Alberto Gómez Bautista

CLLC/Universidade de Aveiro, Portugal

ORCID: 0000-0002-7928-328X

E-mail: agbtrad@gmail.com

RESUMO

As línguas mudam ao longo do tempo. O léxico é uma das áreas em que essas transformações são mais evidentes, mas não é a única. O fenómeno objeto de análise neste artigo é o da mudança linguística relacionada com os nomes dos dedos da mão. Esta mudança linguística está a produzir-se também nas variedades linguísticas faladas na fronteira hispano-portuguesa. Procurar-se-á identificar as causas subjacentes a esta mudança. Para este efeito, vamos trabalhar com materiais recolhidos no *corpus* oral do projeto FRONTESPO. A partir de uma seleção de um conjunto de pontos de inquérito localizados em zonas raianas, analisaremos os dados fornecidos pelos informantes sobre os referentes utilizados para designar os cinco conceitos objeto deste estudo: os nomes dos dedos da mão. Examinaremos os dados recolhidos para as variedades linguísticas faladas na fronteira hispano-portuguesa: galego, castelhano, português, barranquenho, mirandês e leonês. Com base nos resultados obtidos nos pontos de inquérito selecionados, medir-se-á o grau de conservação das formas tradicionais dos cinco conceitos analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Mudança linguística; Fronteira hispano-portuguesa; Dedos da mão; Variação; Contacto linguístico.

Variation and language change in the designation of fingers on the hispano-portuguese border

ABSTRACT

Languages change over time. The lexicon is one of the areas where these changes are most evident, but it's not the only one. The phenomenon analysed in this paper is language change related to the names of the fingers of the hand. This language change is also taking place in the language varieties spoken on the Spanish-Portuguese border. We will try to identify the underlying causes of this change. To this end, we will work with materials collected in the oral corpus of the FRONTESPO project. Based on a selection of survey points located in the borderlands, we will analyse the data provided by the informants on the referents used to designate the five concepts that are the subject of this study: the names of the fingers of the hand. We will examine the data collected for the language varieties spoken on the Spanish-Portuguese border: Galician, Castilian, Portuguese, Barranquenho, Mirandese and Leonese. Based on the results obtained at the selected survey points, the degree of conservation of the traditional forms of the five concepts analysed will be measured.

KEYWORDS: Language change; Spanish-Portuguese border; Fingers of the hand; Variation; Language contact.

Translated with DeepL.com (free version)



1. Introdução

Nesta contribuição¹ pretendemos analisar a grande diversidade de designações existente na fronteira entre Espanha e Portugal. Não é difícil intuir que a interligação entre o nosso cérebro e as mãos terá sido crucial na evolução da nossa espécie. A existência de cinco dedos em cada mão foi certamente uma vantagem do ponto de vista evolutivo (GOULD, 2006). Se dúvidas houvesse sobre a estreita ligação entre o cérebro e as mãos, pense-se no papel deste interface, por exemplo, na escrita ou na língua gestual. Contudo, é importante assinalar que, no que diz respeito às funções relacionadas com a linguagem, nuns indivíduos é dominante o hemisfério esquerdo e noutros, o direito, sendo que: “Se sabe que, en lo que respecta a las funciones relacionadas con el lenguaje, el hemisfério izquierdo es dominante en aproximadamente el 96% de los diestros y en el 70% de los zurdos” (GESÛ, 2017, p. 29). Seja como for, destros ou esquerdinos, e tendo em consideração esta peculiaridade da anatomia dos dedos e a sua importância no nosso quotidiano, não é surpreendente que a humanidade sentisse a necessidade de nomear todos e cada um dos dedos da mão.

Na origem destas denominações estão subjacentes diferentes motivações que obedecem a aspetos diversos, como podem ser o tamanho de cada dedo, a sua função e, nalguns casos, as crenças ancestrais, entre outros aspetos. Como adiante se verá, algumas destas motivações subjacentes ainda são perceptíveis para os falantes.

Há que assinalar que, no contexto geográfico, objeto deste estudo, o espaço adjacente à fronteira hispano-portuguesa, junto das formas patrimoniais, coexistem também as designações introduzidas há relativamente pouco tempo através do ensino formal. Estas designações da variedade *standard* (ou padrão) têm vindo a afastar do uso corrente as formas tradicionais até ao ponto de, hoje, em algumas das localidades estudadas, só se registarem as formas da variedade padrão, geralmente semicultismos, não havendo já memória, em alguns casos, das designações tradicionais.

Alguns informantes, ao enumerar as designações tradicionais, fazem referência a canções infantis e jogos envolvendo os dedos, nos que estes são tratados como seres animados (e.g. *pai, irmão, sobrinho, vizinho...*). Devido às naturais limitações de espaço que exigem este tipo de contribuições, cantigas e ditados não estão incluídos no âmbito deste estudo, pois inclui-las obrigá-los-ia a exceder o espaço disponível para esta análise. Por este motivo, o presente trabalho foca-se, unicamente, no estudo da variação nos nomes dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa.

Os objetivos deste trabalho são três: em primeiro lugar, reunir dados e documentar as diversas designações dos dedos da mão no espaço da fronteira hispano-portuguesa; em segundo lugar, elaborar uma proposta de classificação baseada na motivação que deu origem a essas designações; e, em terceiro lugar, aferir, tanto quanto possível, a vitalidade das designações dos dedos da mão de criação popular nas línguas presentes no espaço da fronteira hispano-portuguesa.

¹ Esta contribuição foi financiada por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto UIDB/04188/2020 e enquadra-se dentro do projeto *Atlas Pluridimensional da Fronteira Espanha-Portugal*, que recebeu financiamento do Ministério de Ciência e Inovação do Governo de Espanha, a Agência Estatal de Investigação e do Fondo Europeo de Desenvolvimento Regional (PID2022-137290NB-I00, financiado por MCIN/AEI /10.13039/501100011033 / FEDER, UE).

2. As línguas em contacto na fronteira hispano-portuguesa

De norte a sul, a fronteira é ponto de encontro de várias línguas e diversas variedades linguísticas. As línguas presentes neste espaço são: o galego (gal.), o português (pt.), a fala de Xálima² (fal.), o castelhano ou espanhol (cas.), o mirandês (mir.), o leonês (leo.) e o barranquenho (bar.). A taxonomia linguística da fronteira hispano-portuguesa pode variar em função dos critérios utilizados para classificar as línguas. Pensemos, por exemplo, no caso do barranquenho; uns autores consideram que se trata de uma língua (AMARAL et al. 2021, p. 64; NAVAS, 1992, 2000, 2011, 2017, 2021; GONÇALVES, 2021, p.194), porém, outros põem em causa esse estatuto (FERREIRA, 2002, p. 138). Como é sabido, o barranquenho é o resultado do contacto de variedades linguísticas do português e do castelhano (nomeadamente das variedades meridionais europeias). Postas assim as coisas, cabe referir que também levanta algumas questões estabelecer se estamos perante uma variedade de português, de castelhano ou, por ventura, uma variedade híbrida resultado do contacto entre estas duas línguas. Para podermos estabelecer uma classificação taxonómica mais rigorosa, seria preciso contabilizar as características linguísticas (representadas cartograficamente por isoglossas) características de cada uma das línguas e, ainda, quais são comuns a ambas e quais exclusivas do barranquenho.

Para o propósito deste trabalho, podemos estabelecer a seguinte classificação linguística do espaço fronteiro hispano-português em que, de Norte a Sul, encontramos as seguintes línguas: galego e português estão em contacto no norte, desde a foz do rio Minho até as Portelas de Zamora, onde o galego ainda goza de bastante vitalidade; chegados à província de Zamora, entramos no espaço linguístico dominado pelo castelhano, mas em muitas localidades da fronteira desde Zamora até a Estremadura espanhola, encontramos um castelhano com forte presença de palavras leonesas; em várias localidades da raia, nomeadamente em Zamora, ainda é possível encontrar falantes da língua leonesa, mas, por norma, o castelhano tem varrido o leonês e, em rigor, devemos falar de uma língua de substrato no referido espaço da fronteira hispano-portuguesa (cf. D'ANDRÉS, 2013, p. 19-20) – há que assinalar que os vestígios linguísticos asturo-leoneses são mais numerosos nas localidades junto da fronteira, tanto do lado português como do espanhol; ainda na província espanhola de Zamora, encontramos a povoação de Calabor, um enclave linguístico em que ainda se fala uma variedade galego-portuguesa, pois a língua falada nesta localidade tem características em comum com o galego, mas também partilha características que são consideradas como distintivas, pela literatura científica especializada, do português face ao galego – por exemplo, a existência em Calabor da fricativa palatal alveolar sonora /ʒ/ (cf. CUNHA e CINTRA, 2002, p. 45; MATEUS et al., 2005, p. 83), inexistente em galego (cf. FREIXEIRO MATO, 1998, p. 187-188). Há fenómenos, como o que acabamos de ver, que tornam o trabalho de classificação mais árduo do que *a priori* se poderia esperar.

Mais a Sul, no lado português da fronteira, encontram-se quatro localidades onde se falou até há pouco tempo, pelo menos até bem entrado o século XX, variedades asturo-leonesas. É este o caso de Rio de Onor, Guadramil, Deilão e Petisqueira. Do lado espanhol, numa parte da província

² Também se documentam os glotónimos *xalimego* e *valego* na literatura científica.



de Zamora, também se falava asturo-leonês, mas, o despovoamento e a pressão da língua oficial acabaram por consumir o processo de substituição linguística do asturo-leonês pelo castelhano.

Rio de Onor (em Portugal) e Rihonor de Castilla (em Espanha) são, na verdade, a mesma localidade; já nos anos 60, como lembra Carrasco González (2021, p. 9), em Rio de Onor e em Rihonor de Castilla, a variedade autóctone de asturo-leonês ia sendo abandonada em favor da língua oficial de cada país, isto é, o português em Rio de Onor e o castelhano em Rihonor de Castilla. Esta mudança foi observada por Maria José de Sousa Santos no seu magnífico estudo linguístico sobre a fronteira hispano-portuguesa em Trás-os-Montes (1967). Continuando este percurso pela Raia, mais a Sul, chegamos à Terra de Miranda onde ainda é falado o mirandês. Mirandês é o glotónimo utilizado para designar o asturo-leonês falado nesta comarca portuguesa, e foi acunhado por José Leite de Vasconcelos (1882, 1900, 1901) aquando da descoberta, à luz da ciência linguística, deste idioma, em 1882. Na Terra de Miranda, o asturo-leonês teve melhor sorte do que noutras partes do espaço fronteiriço hispano-português e, desde 1999, goza de reconhecimento por parte do Estado português. Paralelamente, tem-se assistido a uma notável revitalização do idioma em diversos âmbitos: o mirandês está presente na escola como disciplina extracurricular desde 1986 e atualmente cerca de 70% dos alunos do Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro escolhe esta disciplina; produziu-se um *boom* na publicação de obras literárias desde 1999 até hoje (GÓMEZ 2018, 2021, p. 37-39), e o Estado Português assinou em 2021 – mas ainda não ratificou – a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias (Conselho de Europa, 1992), para citar alguns dos marcos mais importantes para o mirandês nas últimas décadas. Contudo, estes avanços não impediram que esta língua se encontre em grave perigo, devido ao despovoamento do território onde está localizada e à escassa transmissão intergeracional, entre outros fatores. Como é sabido, estes problemas são comuns à maioria das línguas minoritárias e minorizadas.

Rumando mais para Sul, no Norte da província de Salamanca ainda são perceptíveis traços asturo-leoneses. Nesta área, nas províncias espanholas de Salamanca, Cáceres e Badajoz, pode constatar-se um facto sobejamente conhecido pelos linguistas, mas que com frequência é desconhecido em outros âmbitos: as fronteiras políticas e as linguísticas poucas vezes coincidem, o que se traduz, na área objeto deste estudo, na presença de enclaves de fala portuguesa em território espanhol, como é o caso de La Alamedilla (em pt. Alamedilha), Cedilho (Casalinho), Herrera de Alcántara (em pt. Ferreira de Alcântara), La Codosera, Olivença ou a Veiga do Guadiana, para referir apenas alguns exemplos (CARRASCO GONZÁLEZ, 2021, p. 36-69). As localidades de Valverdi do Fresno, As Ellas e San Martín de Trevellu (em cas. Valverde del Fresno, Eljas e San Martín de Trevejo) constituem um enclave galego-português no Norte da província de Cáceres (D'ANDRÉS, 2013, p. 20-21), onde a variedade local, a fala de Xálima, goza de grande vitalidade.

A vila de Barrancos, no Alentejo, é caso singular nesta panorâmica; o que ali se fala é uma variedade linguística que é o resultado, como já foi referido, de vários séculos de intenso contacto linguístico entre a variedade alentejana de português e o castelhano meridional (nomeadamente as variedades andaluza ocidental e a estremenha), como observaram María Victoria Navas (1992, 2000, 2011, 2017, 2021) e também Patrícia Amaral et al. (2021, p. 64). Esta variedade tem escassa proteção legal e não é ensinada de forma regrada na escola do concelho. Contudo,

o barranquenho tem bastante vitalidade mesmo entre as camadas mais jovens da população da única localidade onde se fala esta língua (Barrancos).

Com efeito, a fronteira é um espaço bastante singular. Por um lado, a zona limítrofe da fronteira é mais conservadora, do ponto de vista linguístico, e menos permeável às influências dos grandes núcleos urbanos que irradiam a norma padrão da respetiva língua oficial. Por outro lado, há fenómenos linguísticos que traspõem a fronteira, sendo que alguns desses fenómenos estão circunscritos ao espaço fronteiriço. Pelo anteriormente exposto, não é estranho encontrar características linguísticas do português do lado espanhol e do castelhano no lado português da Raia. Além disso, como já foi referido, em ambos lados da fronteira, há vestígios, mais ou menos perceptíveis, do velho romance leonês, desde as Portelas (Zamora) até a Estremadura espanhola. Veremos mais adiante de que forma esta complexa realidade linguística se materializa nas designações dos dedos da mão.

3. O estudo da variação e o câmbio linguístico

Como é sabido, as línguas são o meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades: sociedades que são diversificadas do ponto de vista cultural, geográfico e económico. Essa diversidade tem, como é natural, o seu reflexo no plano linguístico. Nesse sentido, como apontam Celso Cunha e Lindley Cintra, “uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um *diassistema*, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas” (2002, p. 3). Esta observação tem, como veremos, um imenso valor heurístico e ajuda a perceber a configuração linguística da fronteira em que três diassistemas linguísticos (o galego-português, o asturo-leonês e o castelhano) se diversificam em várias línguas e numerosas variedades linguísticas.

Todas as línguas apresentam variação. Não se tem conhecimento de línguas que sejam homogêneas, que permaneçam invariáveis no tempo ou que não alberguem no seu seio variação regional, social ou contextual. Com efeito, constata-se que as línguas variam no tempo e no espaço e, dentro de um mesmo espaço geográfico, apresentam variação de um indivíduo para outro e de um grupo social para outro. Toda a interação linguística é produzida num espaço concreto, num intervalo temporal também concreto, com pessoas únicas e irrepetíveis (TUSÓN, 2000, p. 74). Por outro lado, os falantes de uma língua vivem num local específico e partilham valores, memórias, costumes e referências culturais. Os falantes estão, também, expostos a um modelo linguístico (língua ou variedade padrão), que também não é homogêneo (CRYSTAL, 2005, p. 7-8) e que, nos nossos dias, é divulgado e consolidado, sobretudo, pelos meios de comunicação social existentes em cada sociedade. Essa variedade padrão é uma das variedades linguísticas faladas num território que, por diversos motivos (políticos, históricos, económicos, sociais, etc.), acaba por se impor (FERREIRA et al. 2005, p. 483). Contudo, nessa variedade padrão também se observam fenómenos de variação linguística, embora tenha uma certa tendência a fossilizar-se. A variedade padrão é adotada pelo Estado e é, por conseguinte, a variedade veiculada no ensino e nas esferas da vida pública mais prestigiadas (CALVET, 1998; REGUEIRA, 2020; SIGUAN, 1996).

Para estudar a diversidade linguística, é necessário delimitar o objeto de estudo. A maioria das teorias linguísticas estudam as línguas enquanto sistema, incidindo nas regularidades. Porém, a



dialetologia privilegia o estudo do que foge à regra, do que é diferente, do que se afasta do regular. Para poder abordar um campo de estudo tão vasto, a linguística estruturalista europeia estabeleceu vários compartimentos para classificar a variação em função do âmbito em que esta se produz. Assim, quando a variação obedece a razões geográficas, recorre-se ao termo *variação geográfica* ou *diatópica*. Porém, existem, como é sabido, outros tipos de variação: a diacrónica, a diastrática e a diafásica. A variação diatópica, geolinguística ou dialetal é o objeto de estudo da dialetologia.

No caso que aqui nos ocupa, a variação nas designações dos dedos da mão, será tida em consideração a variação geolectal ou diatópica e a variação diacrónica, mas esta última apenas na medida em que é percebida pelos falantes quando consideram uma forma antiga e outra mais moderna.

4. Materiais e metodologia

A proveniência dos materiais para a realização do presente estudo é o *Corpus oral de la frontera hispano-portuguesa* (ÁLVAREZ, 2018). Também recorreu-se ao *Tesoro léxico de la frontera hispano-portuguesa* (GONZÁLEZ, 2018) para esclarecer algumas das lexias analisadas e interpretá-las. Para selecionar as localidades, usámos o motor de busca do *Corpus oral*, realizando uma pesquisa temática, usando o tema *partes do corpo*, que nos devolveu 25 resultados. Seguidamente, analisámos essas gravações e verificámos que, unicamente, em 14 entrevistas eram mencionados, efetivamente, os dedos da mão. É importante referir que esta pesquisa realizou-se entre agosto e outubro de 2022, pois, entretanto, foram incluídas novas entrevistas no *corpus*. Para ampliar o número de dados, já que, como referimos, em várias entrevistas, os informantes não respondiam à pergunta sobre os dedos da mão ou porque a qualidade acústica da gravação não permitia compreender com clareza o que informante dizia (o que aconteceu num caso), recorreu-se, também, às gravações ainda inéditas, até completar trinta entrevistas que correspondiam a trinta localidades distintas da fronteira entre Espanha e Portugal. As localidades estudadas são, por ordem alfabética, as seguintes: La Alamedilla (Alamedilha em pt.), Aldeia da Ponte, Barrancos, Bemposta, La Bouza, Calabor, Castrelos, Castromil, Cicuiro, La Codosera, Deilão, Igreja (Cabreiro, Arcos de Valdevez), Laranjeiras, Llateu (Latedo), Lubián, Moimenta da Raia, As Neves, Nuez, Parâmio, Petisqueira, Piedras Albas, Pinilla de Fermoselle, Pitões das Júnias, San Martín de Trebellu (en cas. San Martín de Trevejo), San Pedro de la Silba, San Silvestre de Guzmán, Saucelle, A Teixeira, Valencia del Mombuey (Valencita) e Zenízio (Genísio).

As designações foram extraídas manualmente e transcritas, segundo as normas da língua em que foram proferidas. Por último, analisamos os dados que a continuação se apresentam.

5. As designações dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa

Como é sabido, o nosso corpo tem um papel determinante na conceptualização da realidade (JULIÀ, 2012, p. 15-24; GARGALLO, 2014, p. 543). O papel das mãos na apreensão e na conceptualização da realidade é incontornável. Nesse sentido, não é difícil imaginar a primeira pessoa, dotada de consciência, iniciar, por exemplo, o pensamento matemático a partir dos dedos da

mão. Tendo isto em consideração, é natural que a humanidade sentisse a necessidade de dar nome aos diferentes dedos da mão.

Seguidamente, apresentam-se as designações documentadas em trinta localidades da fronteira, acompanhadas de um breve comentário em que, entre outros aspetos, se questiona sobre as motivações que as poderão ter originado. Além disso, as tabelas permitem observar a variação que estas apresentam no espaço da fronteira hispano-portuguesa.

5.1. Polegar ou mata-piolhos

Como se vê ao longo deste trabalho, a forma e o tamanho dos dedos são uma fonte fértil na criação de designações para os dedos. Nesse sentido, o caso de *polegar* é um claro exemplo de como o tamanho está na origem de numerosas designações atribuídas a este dedo. Já em latim, existia esta relação entre a designação e as características físicas e fisiológicas deste dedo: a palavra *polegar* provém do latim *POLLEX*, que significa *forte*. Nas localidades estudadas, encontramos designações relacionadas com a forma e o tamanho, como *gordo*, em La Alamedilla, Llateu, Pinilla de Famoselle e Valencia del Mombuey (popularmente Valencita).

No espaço da fronteira, documentam-se também formas que remetem para a função que outrora teve este dedo, como se vê na lexia *mata-piolhos*. A utilização deste dedo para exterminar piolhos terá sido, até há relativamente pouco tempo, uma prática bastante comum, pois é uma forma recorrente de o designar nas línguas faladas na área mais ocidental da Península Ibérica. Na zona fronteiriça, objeto do nosso estudo, as formas relacionadas com a função de eliminar piolhos apresentam bastante vitalidade, como se pode observar na tabela 1.

TABELA 1. Designações do polegar por localidades

Localidades	Designações
Castromil	Pulgar, escochapiollos
As Neves	Escachapiollos / pulgar
Igreja (Arcos de Valdevez)	Escacha-piolhos, polegar
Pitões de Júnias, Laranjeiras, Parâmio,	Mata-piolhos
Moimenta da Raia	Polegar
La Bouza, La Codosera, Saucelle, Calabor, Teixeira, Nuez, Piedras Albas	Pulgar
Aldeia da Ponte	∅
La Alamedilla	Pulgar / polegar / o gordo
San Silvestre de Guzmán	Pulgar / mata-piolhos
San Martín de Trebellu, Lubián	Pulgal
Petisqueira, Deilão	Estornica-piolhos
Barrancos	Pulgar; mata-pulgas e piolhos
Castrelos	Escachapiollos
Cicuiro, San Pedro de la Silba	Mata-piolhos
Zenízio	Pulgar, polgar, mata-piolhos
Bemposta	Polegar
Llateu; Pinilla de Famoselle, Valencia del Mombuey	Gordo; el gordo; pulgar / el gordo

Fonte: Produzida pelo autor.

Do ponto de vista das categorias gramaticais que constituem as formas compostas, verifica-se que a combinação verbo em infinitivo + substantivo é muito produtiva em galego e em asturo-leonês (leonês/mirandês): *matar* (ou afins, como *escachar* ou *estornicar*) + *piollos*. A forma *estornica-piolhos*, documentada nas localidades de Deilão e Petisqueira, revela o caráter asturo-leonês que tiveram estas localidades, pela sua proximidade com a forma mirandesa *sturnica-piolhos*, não documentada nesta amostra, mas que ainda tem vitalidade em mirandês contemporâneo.

Em castelhano, talvez por influência paronímica de *pulga*, documentou-se *pulgar*; esta relação com *pulga* é referida pelos informantes de Nuez e vai ao encontro do afirmado por José Enrique Gargallo Gil, quem vê a influência paronímica de *pulga* na palavra castelhana *pulgar* (2014: 545).

5.2. Indicador ou fura-bolos

Nesse caso, a motivação que deu origem a indicador ou índice é bastante evidente: a função de apontar, assinalar ou indicar dá nome a este dedo, pelo menos nas variedades padrão de castelhano e português. Outras motivações parecem estar na origem das designações em galego, nas variedades raianas de português e em mirandês: *fura-bolos* (pt.), *furabolos* (gal.), *fura-bolhos* (mir.).

Em Pinilha de Fermoselle, a motivação que originou a forma *los del medio* tem por base a localização deste dedo e, acresce, é também a designação utilizada para o dedo médio e para o anelar.

TABELA 2. Designações do dedo indicador por localidades

Localidades	Designações
Castromil, Castrelos, As Neves	Índice, furabolos
Pitões de Júnias, Laranjeiras	Fura-bolos
San Martín de Trebellu	Furabolus
Moimenta da Raia, Aldeia da Ponte,	Indicador
La Bouza, La Codosera, Saucelle, Calabor, Teixeira, Piedras Albas, Lubián	Índice
Valencia del Mombuey	Índice
La Alamedilla	Índice / indicador / fura-bolo
San Silvestre de Guzmán	Índice / fura-bolos
Petisqueira,	Indicador / sara-bolas
Deilão	Sara-bolas
Barrancos, Igreja (Arcos de Valdevez), Parâmio	Indicador / fura-bolos
Llateu, Nuez	∅
Cicuiro, San Pedro de la Silba	Fura-bolhos
Zenízio	Andicador / fura-bolas
Bemposta	Fura-sacos / fura-bolas
Pinilla de Fermoselle	Los del medio / índice

Fonte: Produzida pelo autor.



Em galego, português e mirandês parece haver uma predominância das formas compostas (verbo + substantivo, e.g.: *fura-bolos*, *fura-sacos*, *fura-bolhos*, *sara-bolas*). Porém, em castelhano (e em português padrão), a forma simples é a mais frequente.

5.3. Médio ou pai de todos

O dedo médio apresenta uma variação considerável nas motivações que deram origem às lexias documentadas neste estudo. Por um lado, encontram-se formas que remetem para o tamanho e a posição que ocupa na mão, e.g. *maior de todos* (pt., mir. e gal.), *o mor de todos* (gal.), *maior* (pt.), *dedo grande* (mir.), *médio* (pt), *el del medio* (cas.), entre outros. Por outro lado, há formas que remetem para as relações de parentesco (e.g. *pai de todos*) ou estão ligadas a crenças que relacionam este dedo com o coração, e.g. *corazón* (cas. e gal.), *coração* (pt.).

TABELA 3. Designações do dedo médio por localidades

Localidades	Designações
Castromil	Pai de todos, corazón
Castrelos	O mor de todos
Pitões de Júnias	Maior de todos
As Neves	Maior de todos, corazón
Igreja (Arcos de Valdevez)	Maior de eles todos
Aldeia da Ponte	Médio
Moimenta da Raia, San Martín de Trebellu, Llateu, Nuez	∅
La Bouza, La Codosera, Saucelle, Calabor, Teixeira, Piedras Albas, Lubián	Corazón
Valencia del Mombuey	El del medio, corazón
La Alamedilla	Corazón / coração / mengual / o mediano
San Silvestre de Guzmán	Pai-tudo
Barrancos	Médio / pai de todos
San Pedro de la Silba	Maior de todos / Maior
Zenízio	Dedo grande / pai de todos / dedo maior
Pinilla de Fermoselle	Los de el medio / corazón
Parâmio	Saca-olhos, médio
Deilão Cicuiro, Petisqueira, Bemposta	Pai de todos
Laranjerias	Médio, pai de todos

Fonte: Produzida pelo autor.

5.4. Anular ou anelar

As lexias mais comuns para o dedo anular encontradas nas localidades estudadas no âmbito deste trabalho são as relativas ao parentesco, e.g. *o (seu) padrinho* (gal.), *sobrinho* (pt.); também encontramos casos em que se alude à posição, e.g. *los del medio* (esp.) *l seu vizino* (mir.), *vizi-*

nho (pt.); há, ainda, um caso em que se faz referência à forma, e.g. *redondinho* (pt.), e em três localidades encontramos a forma *passarinho*, mas ocorre também a forma semiculta *anular* nessas mesmas localidades onde se recolhe *passarinho* (La Alamedilla, San Silvestre de Guzmán e Laranjeiras).

TABELA 4. Designações do dedo anular por localidades

Localidades	Designações
Castromil	O seu padriño, anular
Castrelos	O padriño
As Neves	Sobrino, anular
Deilão	Sobrino
Igreja (Arcos de Valdevez)	Vizinho
La Codosera	Anillar
San Martín de Trebellu, Lubián	Anular
Saucelle, Calabor, Piedras Albas, Aldeia da Ponte	Anular
Valencia del Mombuey	Anular
La Alamedilla, San Silvestre de Guzmán	Anular, passarinho
Cicuiro	Sou vezino
Barrancos	Anelar, seu vizinho
San Pedro de la Silba	L sou vezino
Zenízio	Andelar
Pinilla de Fermoselle	Los de el medio, anular
Parâmio	Seu sobrinho, anular
La Bouza, Moimenta da Raia, Petisqueira, Teixeira, Llateu, Nuez	∅
Pitões de Júnias	Redondinho
Laranjeiras	Passarinho, anular
Bemposta	Seu vizinho

Fonte: Produzida pelo autor.

5.5. Mínimo ou mendinho

Observa-se uma prevalência da motivação baseada no tamanho para a criação das lexias que designam o dedo mínimo. Esta motivação está também patente nas formas coincidentes com as da variedade padrão, *mínimo* (pt.) e, talvez, em *meñique* (cas.). Cabe assinalar que não foram documentadas, nas localidades analisadas, formas compostas.

TABELA 5. Designações do dedo mínimo por localidades

Localidades	Designações
Castromil	Meñique, mermidiño
As Neves	Maniño, meñique
Laranjeiras	Miminho, mínimo.
Igreja (Arcos de Valdevez), Cicuiro, San Pedro de la Silba, Zenízio, Bemposta, Deilão	Mendinho
Pitões de Júnias	Pequenino
Moimenta da Raia	Miudinho
La Bouza, La Codosera, Saucelle, Teixeira, Nuez, Piedras Albas	Meñique
Calabor	Meñique, o pequeno
Aldeia da Ponte	Mínimo
La Alamedilla	Meñique, mendinho, o mais pequeno
San Silvestre de Guzmán	Meñique, maminho
San Martín de Trebellu, Lubián	Miñique
Petisqueira	Minguiño
Barrancos	Meninho,
Castrelos	Vermelliño
Llateu	Gurrumiño
Pinilla de Fermoselle	Meñique, el chiquito
Valencia del Mombuey	El chico, meñique

Fonte: Produzida pelo autor.

6. Análise de dados e resultados

Face quanto antecede, pode-se concluir que se observa muita variação nas denominações dos dedos da mão no espaço linguístico adjacente à fronteira hispano-portuguesa. Assim, são frequentes os casos em que ocorrem na mesma localidade dous ou mais formas, normalmente a designação na língua padrão e uma outra tradicional. Contudo, noutras localidades, a variação é causada pela coexistência de duas línguas (cf. localidades do tipo 1 da tabela 6).

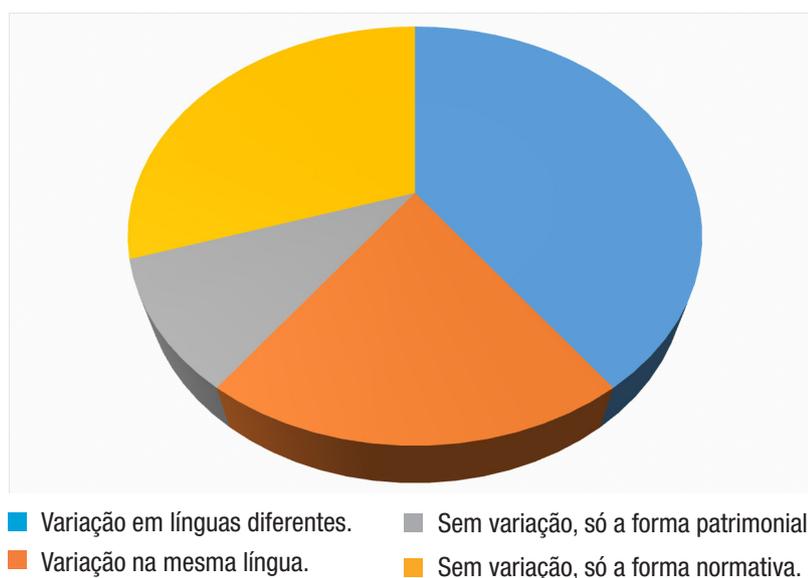
Na tabela 6, apresenta-se uma proposta de classificação das localidades em função da presença da variação ou ausência dela e, nos casos em que existe variação, se esta se produz por causa da coexistência de línguas diferentes nessas localidades (tipo 1) ou se, por ventura, estamos perante um caso de variação interna da língua autóctone (tipo 2). Nos casos em que não se observou variação, distingue-se entre as localidades com uma lexia patrimonial diferente da forma *standard* (tipo 3) e as localidades com uma lexia coincidente com a da variedade padrão (tipo 4).

TABELA 6. Tipos de variação por localidades

Tipo 1. Variação em línguas diferentes	Castromil, La Alamedilla, As Neves, Barrancos, Calabor, San Silvestre de Guzmán, Castrelos, Lubián, Zenízio, San Pedro de la Silba, Llateu.
Tipo 2. Variação na mesma língua	Laranjeiras (Alcoutim), Igreja (Arcos de Valdevez), Valencia del Mombuey, Pinilla de Fermoselle, Petisqueira, Parâmio
Tipo 3. Sem variação, só a forma patrimonial	Pitões de Júnas, Cicuiro, Deilão, Bemposta
Tipo 4. Sem variação, só a forma normativa	A Teixeira (em espanhol), Saucelle, La Bouza, Moimenta da Raia, Piedras Albas, Aldeia da Ponte, La Codosera, San Martín de Trebellu, Nuez

Fonte: Produzida pelo autor.

Na figura 1, apresentam-se os mesmos resultados, tendo em consideração a percentagem de localidades, segundo a classificação da variação apresentada na tabela 6.

FIGURA 1. Tipos de variação em percentagem

Fonte: Produzida pelo autor.

No que diz respeito à motivação que está na origem da designação, podemos esboçar a seguinte proposta de classificação:

- 1) O tamanho: *gordo, mínimo, o mor de todos, gurrumiño...*
- 2) A posição: *medio, los del medio, sou vezino, seu vizinho...*
- 3) As relações de parentesco: *sobrino, sobriño, padriño, pai de todos...*
- 4) A função (real ou imaginária): *furabolos / fura-bolos, matapiollos / mata-piolhos, corazón, corazón, pulgar, indicador, anular...*
- 5) Forma: *redondinho.*
- 6) Nomes de animais: *passarinho* (pt.), *vermelliño* (gal. de *verme* + sufixo diminutivo). O sufixo (*-inho / -iño*) acrescenta a ideia de tamanho.

Note-se que a motivação, em alguns casos, é completamente opaca para os falantes (JULIÀ, 2012, p. 130 / ÁLVAREZ, 2013, p. 512) destas línguas. Um bom exemplo disto pode ser encontrado na lexia *pulga*, em espanhol, que autores, como Carolina Julià Luna (2012, p. 130) e José Enrique Gargallo Gil (2014, p. 543), veem uma relação paronímica com “pulga”, motivação que é, hoje, completamente opaca para os falantes de espanhol, como explica Xosé Afonso Álvarez Pérez (2013, p. 512). Porém, numa localidade, Nuez, os informantes parecem estar cientes desta relação paronímica sugerida por Gargallo Gil (2014, p. 543).

7. Considerações finais

As designações tradicionais eram ensinadas aos mais novos por meio de jogos, cantigas e ditados, mas, com a generalização do ensino, estas formas tradicionais começaram a cair em desuso em favor das designações normativas (semicultas) veiculadas pelo ensino formal o que favoreceu a expansão das lexias da língua padrão ou *standard*.

As designações tradicionais das variedades raianas, não *standard*, surgiam em músicas infantis e, em várias localidades, os informantes referem que eram usadas sobretudo com as crianças. Não obstante, é possível constatar que, na maioria dos casos, também, eram usadas pelos adultos para ensinar os nomes dos dedos aos mais jovens, o que favoreceu a sua transmissão até os nossos dias. Contudo, esta maneira de preservar estas designações têm caído em desuso, o que faz com que muitas destas lexias particulares das variedades raianas tenham desaparecido do repertório dos falantes, sendo substituídas pelas lexias da variedade *standard*.

De todo anteriormente exposto, pode-se concluir que, no espaço raiano, há um processo de mudança linguística em curso. A pressão das formas irradiadas pela norma padrão do castelhano e do português, nas suas respetivas áreas de influência, foi observada nos dados analisados. Esta mudança linguística provoca que, em algumas das localidades estudadas, os informantes não se lembrem das formas tradicionais e próprias da sua localidade. Nesse sentido, o caso de Castrelos é paradigmático, pois só um dos informantes, o homem mais velho de um grupo, de cinco inquiridos, lembrava-se das designações tradicionais no galego falado nesta aldeia da província espanhola de Zamora, algo que os outros inquiridos desconheciam ou já não recordavam.

Como se vê na figura 1, em 60% das localidades analisadas, constatou-se a existência de variação, existindo duas ou mais lexias para designar um ou mais dedos da mão. Uma possível explicação para tamanha incidência de lexias para a mesma forma prende-se, na nossa opinião, com o facto de as áreas de fronteira serem mais conservadoras e, por conseguinte, menos permeáveis à adoção das novidades linguísticas e do modelo de língua irradiado nas grandes urbes. Outro fator que pode explicar a elevada variação linguística observada é o facto de haver línguas em contacto no seio de várias das localidades estudadas (Alamedilha, Cicuiro, As Neves, San Martín de Trebellu, Barrancos, etc.). Há também algumas povoações nas que houve, até há pouco tempo, fenómenos de contacto linguístico e onde acabou por se impor uma língua. Nestas localidades, a língua afastada ainda exerce uma influência de substrato importante, é o caso do asturo-leonês em localidades de fala portuguesa, como Deilão, Petisqueira ou Bemposta. Também encontramos este fenómeno do outro lado da Raia, em Pinilla de Famoselle, Nuez e Latedo.



Um outro aspeto importante que evidencia as lexias documentadas neste estudo é que o galego, o português e o leonês/mirandês parecem diferenciar-se bastante face ao resto do espaço linguístico ibero-românico no que as denominações populares para os dedos das mãos se refere.

O estudo apresentado nestas linhas é o resultado de uma investigação que se encontra, ainda, numa fase incipiente. Como tal, as conclusões que aqui acabamos de alinhar têm, como é natural, um carácter provisório e deverão ser confirmadas, matizadas ou, se for caso disso, retificadas quando obtivermos mais dados sobre um número mais expressivo de localidades fronteiriças.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflito de interesses a declarar.

FINANCIAMENTO

Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., Projeto UIDB/04188/2020.

Ministério de Ciência e Inovação do Governo de Espanha, Agência Estatal de Investigação e do Fondo Europeu de Desenvolvimento Regional (PID2022-137290NB-I00, financiado por MCIN/AEI /10.13039/501100011033 / FEDER, UE), Projeto Atlas Pluridimensional da Fronteira Espanha-Portugal.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (dir.). **Corpus oral de la frontera hispano-portuguesa**. Alcalá de Henares: grupo FRONTESPO, 2018. Disponível em: <<https://www.frontespo.org/pt/corpus>>. Acesso em 24 nov. 2023.

ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso. Julià Luna, Carolina (2012): Variación léxica en los nombres de las partes del cuerpo. Los dedos de la mano en las variedades hispanorrománicas, Frankfurt am Main: Peter Lang, 347 pp. *In: Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, n. 40, p. 509-513. 2013.

AMARAL, Patrícia; CLEMENTS, Clancy; GARRETT, Jordan. Graus de reestruturação em situações de intenso contacto: o caso do Barranquenho. *In: GONÇALVES, Maria Filomena; NAVAS, María Victoria (Eds.). O Barranquenho como Língua de Contacto no Contexto Românico*. Lisboa: Edições Colibri, 2021. p. 63-77.

CALVET, Louis Jean. **A (Socio)lingüística**. Santiago de Compostela: Latiovento, 1998.

CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. **Dialectología fronteriza de Extremadura. Descripción e historia de las variedades lingüísticas en la frontera extremeña**. Berlin: Peter Lang, 2021.

CONSELHO DA EUROPA. **Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias**. Estrasburgo: Conselho da Europa, 1992. Disponível em: <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/carta_europeia_das_linguas_regionais_ou_minoritarias.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

CRYSTAL, David. **The Stories of English**. Londres: Penguin Books, 2005.



CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

D'ANDRÉS, Ramón. **Gramática comparada de las lenguas ibéricas**. Gijón: Ediciones Trea, 2013.

FERREIRA, Manuela Barros. O mirandês, língua minoritária. *In*: Maria Helena MIRA MATEUS (Org.). **Uma política de língua para o português**. Lisboa: Edições Colibri, 2002. p. 137-145.

FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura da. Variação linguística: perspectiva dialectológica. *In*: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; Duarte, Inês; GOUVEIA, Carlos. **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 2005. p. 479-502.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón. **Gramática da Língua Galega I. Fonética e Fonoloxía**. Vigo: Edicións A Nosa Terra, 1998.

GARGALLO GIL, José Enrique (2014). Julià Luna, Carolina (2012): Variación léxica en los nombres de las partes del cuerpo. Los dedos de la mano en las variedades hispanorrománicas. Frankfurt am Main: Peter Lang, 347 p. [reseña]. *In*: **Estudis Romànics** [Institut d'Estudis Catalans], Vol. 36, p. 542-547. 2014.

GESÙ, Filomena di. La Neurodidáctica como transdisciplina. *In*: VEYRAT RIGAT, Montserrat (Coord.). **No-*valing*: lingüística y tecnología**. Valencia: Tirant Humanidades, 2017. p. 17-48.

GÓMEZ BAUTISTA, Alberto. **El mirandés: historia, contexto y procesos de formación de palabras**. Oviedo: Academia de la Llingua Asturiana. Llibrería Llingüística, 2021.

GÓMEZ BAUTISTA, Alberto. **Introdução à História da Literatura Mirandesa**. Toledo / Quito: IANUA / Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

GONÇALVES, Maria Filomena. Reflexões sobre política e planificação linguística de uma língua minoritária e ameaçada: o barranquenho. *In*: GONÇALVES, Maria Filomena; Navas, María Victoria (Eds.). **O Barranquenho como Língua de Contacto no Contexto Românico**. Lisboa: Edições Colibri, 2021. p. 193-220.

GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio (dir.) (2018 -): **Tesoro léxico de la frontera hispano-portuguesa**. Alcalá de Henares: grupo FRONTESPO. Disponível em: <<https://www.frontespo.org/pt/tesoro>>. Acesso 20 dez. 2023.

GOULD, Jay. **El pulgar del panda**. 1ª ed. Barcelona: Editorial Crítica, 2006.

JULIÀ LUNA, Carolina. **Variación léxica en los nombres de las partes del cuerpo: los dedos de la mano en las variedades hispanorrománicas**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2012.

MATEUS, M.ª Helena Mira; FALÉ, Isabel; FREITAS, Maria João. **Fonética e Fonologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2005.

NAVAS, María Victoria. **El barranquenho. Un modelo de lenguas en contacto**. Madrid: Editorial Complutense / Centro de Linguística da Univerisdade de Lisboa, 2011.

NAVAS, María Victoria. El barranquenho: un modelo de lenguas en contacto. *In*: **Revista de Filología Románica**, n. 9, p. 225-246, 1992.

NAVAS, María Victoria. **O barranquenho: Língua, Cultura e Tradição**. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

NAVAS, María Victoria. Procesos de creación de lenguas fronterizas. **Revista de Filología Románica**, n. 17, p. 367-393. 2000.



NAVAS, María Victoria. Recopilación bibliográfica para el conocimiento de la lengua y cultura barranqueñas. *In*: GONÇALVES, Maria Filomena; Navas, María Victoria (Eds.). **O Barranquenho como Língua de Contacto no Contexto Românico**. Lisboa: Edições Colibri, 2021. p. 15-62.

REGUEIRA, Xosé Luis. Contacto, estándar e ideoloxías: a lingua galega na esfera pública. *In*: MOUTINHO, Lurdes de Castro; COIMBRA, Rosa Lúcia; GÓMEZ BAUTISTA, Alberto (eds.) **Línguas Minoritárias e Variação Linguística**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2020, p. 27-51.

SANTOS, Maria José de Moura. Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes. *In*: **Revista de Filologia Portuguesa** (separata). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, 1967.

SIGUAN, Miquel. **A Europa das Línguas**. Lisboa: Terramar, 1996.

TUSÓN, Jesús. **¿Cómo es que nos entendemos? (si es que nos entendemos)**. Barcelona: Península, 2000.

VASCONCELOS, José Leite de. **Estudos de Philologia Mirandesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. I, 1900.

VASCONCELOS, José Leite de. **Estudos de Philologia Mirandesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II, 1901.

VASCONCELOS, José Leite de. **O Dialecto Mirandez**. Porto: Livraria Portuense. 1882.